

## VICTOR DE MELLO

Jaime Gusmão Filho

Ex-presidente da ABMS

Estávamos em plena ditadura militar. Eu tinha deixado a presidência do Clube de Engenharia de Pernambuco, onde lutei pela redemocratização do Brasil. Fui, depois, eleito presidente da ABMS Nordeste para promover o congresso brasileiro, no Recife.

Pouco antes do congresso, estive em São Paulo para relatar as negociações em curso. O presidente nacional da ABMS era o Professor Carlos de Sousa Pinto, que resolveu convocar as lideranças para ouvir e dar sugestões sobre a evento.

Não me lembro agora se estive com o Professor Victor De Mello na reunião ou fora dela. O fato é que nos encontramos e conversamos longamente. Recebi dele a sugestão de ampliar o congresso, fazendo que diferentes grupos do Brasil trouxessem a sua experiência de trabalho, dificuldades e êxitos. Que temas poderiam ser escolhidos ? Depois de muita discussão, chegamos aos temas seguintes: “Movimento de Encostas” e “Prática de Fundação no Brasil”.

E assim foi feito. “Movimentos de Encostas” teve Guidicini como Relator Geral e as contribuições de meia hora de Wolle (São Paulo), Vargens (Bahia), Figueiredo (Pernambuco) e Sandroni (Rio de Janeiro). A “Prática de Fundações no Brasil” teve Aoki como Relator Geral, e contribuições de Barberian (Região Centro), Gusmão Filho (Região Nordeste), Bernardi (Região Sul) e P.P. Velloso (Região Sudeste). Depois disso, os congressos da ABMS estavam no caminho certo.

Depois, conversamos sobre vários assuntos interligados. Por exemplo a necessidade de se fazer obra mais barata, usando menos sofisticação de cálculo que não conduz a nada, a não ser encarecer a obra.

Victor de Mello foi eleito presidente da ISSMFE e, nesta condição, compareceu ao VI Congresso Brasileiro de Recife. Era o primeiro congresso nosso com o presidente da associação internacional. Convidado, ele proferiu a Conferência Geral de abertura, sobre o título: “Desafios do desenvolvimento de uma Engenharia de Solos Autóctone, firmemente enquadrada em princípios universais”.

Trata-se de um assunto polêmico, discutindo o papel do engenheiro geotécnico frente a uma obra. Disse o professor, em certo momento de sua conferência: “O Homem no desenvolver da civilização não pode resistir a agredir a Natureza, para moldá-la a seus desejos. A que custo social e econômico ?”. Atenta a plateia, ele prendia a atenção de todos os presentes com aquelas colocações.

Depois de discutir casos conhecidos, com exemplos para o Brasil, o Professor Victor de Mello dizia: “ Se por um lado podemos nos envaidecer de nossa capacidade de dominarmos a Natureza, por outro lado tem ocorrido uma conscientização crescente da enorme diferença entre ganhar batalhas e ganhar a guerra. Não são apenas os ecólogos que devem ser ouvidos, mas principalmente nosso senso comum. Das soluções exageradas de uma geração, nascem os flagelos da próxima. A Natureza não tem nenhum compromisso de prestígio com respeito à preservação do status quo. Ao contrário, o seu prestígio está associado a fantástica habilidade de prosseguir em relação natural dinâmica, sempre a beira do abismo do  $FS=1,00$  ”. E fechando o assunto, ele dizia: “Na engenharia geotécnica, especialmente na condição muito próxima a  $FS=1,00$  , cada caso é individual, e o custo da sofisticação não pode ser diluído nem repartido”.

Estava chegando ao fim. O Professor Victor de Mello terminava assim: “Para todas estas situações, o que será que precisamos, hoje mais do que nunca ? Não será relembrarmos que o requisito fundamental da engenharia civil é ser econômica, não existindo nada mais do que atender “ao mínimo necessário” ? Seria demasiado pedir dos engenheiros – que atualmente, por uma deturpação persistente, só têm mais a ganhar quanto mais sofisticarem os estudos, e que têm tudo a perder salvo seu amor próprio solitário – que resolvam correr o risco de fazer a obra menos conservativa ? Seria demasiado pedir de nós mesmos que advogemos soluções mais ousadas e mais baratas ?” .

E concluía: “O que é a maior necessidade atual da humanidade, senão a de resolver os desafios que Vêm desde os tempos históricos, porém com métodos novos, mais inventivos e econômicos ? Ademais do avanço em novas fronteiras da região Amazônica, de regiões áridas agrestes e de condições submarinas “offshore”, não seria a principal fronteira a transpor – que afeta centenas de milhões de seres – não seria a principal fronteira tornar mais amena a condição de vida no mundo que já ocupamos, no qual a geotécnica exerce função de base ?” .

O Professor Victor De Mello estava preocupado com o destino do Homem frente à Natureza, e isso em um congresso brasileiro técnico-científico. Era um homem íntegro e com uma visão completa do que fazia.

Podia ter defeitos, mas não se negava a pensar diferente.